

# **A GEOGRAFIA ESCOLAR DE DELGADO DE CARVALHO: uma análise a partir da cartografia**

Maria Adailza Martins de Albuquerque

dadmartins@ig.com.br

Aldo Gonçalves de Oliveira

aldojua@yahoo.com.br

## **Introdução**

Empreende-se nesse trabalho um debate acerca da presença dos pressupostos geográficos de Carlos Miguel Delgado de Carvalho expressos no seu livro didático *Geographia do Brasil, Tomo I*, de 1913, tendo como foco principal de análise as representações cartográficas presentes no mesmo. Em nossos trabalhos partimos do pressuposto que as representações cartográficas presentes nos livros didáticos não são neutras, elas carregam objetivos e pressupostos teóricos que podem ser lidos a partir da análise das mesmas.

Analisando o conceito e as propriedades dos mapas, Almeida afirma que:

[...] o mapa é uma representação da superfície da terra, conservando com essas relações matematicamente definidas de redução, localização e de projeção no plano. Sobre esse mapa base, assim obtido, pode-se representar uma série de informações, escolhidas por interesses ou necessidades das mais diversas ordens [...] (2004, p.13).

Quando a autora coloca que as informações presentes nos mapas são “escolhidas a partir de interesses e necessidades” derivadas do processo de apreensão e representação do espaço a partir de um elemento gráfico-semiótico, enfatizamos o fato dessas representações quando estão presentes nos livros didáticos carregarem, de fato, os pressupostos dos autores. Os elementos que essas representações podem trazer vão desde as bases de

formação acadêmico-intelectual até os objetivos para a disciplina escolar Geografia desses autores. Estando no bojo desse processo a forma como a disciplina se estrutura numa determinada sociedade, ou seja, os objetivos, métodos e procedimentos que se coloca para a mesma.

É preciso então considerar esse elemento ao desenvolver pesquisas acerca da estruturação da disciplina em questão, no que se refere aos elementos metodológicos (Cartografia enquanto metodologia de aprendizagem geográfica) e epistemológico (Cartografia enquanto expressão de uma visão geográfica de mundo) evitando dessa forma uma negligência analítica em que os mapas presentes nos livros didáticos não são um mero dado de representação ou de localização, é preciso saber que esses mapas carregam uma intencionalidade quando se coloca no livro didático, que denota as bases teóricas de um respectivo autor.

É preciso que se diga que a análise da cartografia presente nos livros didático, nesse trabalho, está sendo feita de acordo com o contexto geográfico e cartográfico de uma determinada época. Não cabendo, dessa forma, julgar a qualidade técnica dos mapas. Assentaremos nossa análise acerca da cartografia no referido livro didático enquanto um dado de representação da geografia e não como um dado independente. Acreditamos que consista nos elementos de representação desenvolvidos pela cartografia visando auxiliar a compreensão dos elementos ligados à geografia. Sobre essa perspectiva, Almeida nos coloca que:

[...] a elaboração dos mapas não é determinada apenas pela técnica; os mapas expressam idéias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes. A produção cartográfica sempre esteve ligada a interesses políticos e militares, influências religiosas e mesmo a questões práticas, como, por exemplo, a navegação. Os mapas, portanto, só podem ser devidamente compreendidos se vistos no contexto histórico e cultural em que foram produzidos o que significa entender também os limites técnicos de cada época, evitando o equivoco de confundir essas limitações políticas ( 2004, p. 13).

A autora coloca que é preciso considerar o contexto sob o qual o mapa é produzido para compreendê-lo, acreditamos também no caminho inverso, dado o fato de que a partir das representações cartográficas é possível compreender o contexto sob o qual se desenvolve uma sociedade em diversos aspectos, político-culturais, econômicos, sociais, geográficos entre outros. O mapa é assim tanto ponto de chegada, como elemento de partida, para empreender uma análise acerca de uma conjuntura histórica determinada (OLIVEIRA, 2007).

Os mapas ou as representações cartográficas presentes nos livros didáticos nos fornecem um rico material para compreender a concepção geográfica e pedagógica do autor da obra em questão. Mattos et. Al (----), analisando a história do livro didático coloca quatro funções para o mesmo: “Referencial, Instrumental, Ideológica e cultural e Documental”. A função referencial estaria ligada ao fato do mesmo ser um elemento de propagação de determinados saberes que se quer passar. A função Instrumental estaria ligada aos métodos que se quer transmitir ou propagar a partir do mesmo. A função Ideológica e cultural se vincula aos saberes que o Estado quer vincular a partir da produção do livro didático e sua utilização na escola. Por último a função documental que seria a de transmitir a partir dos textos e figuras presentes no mesmo uma dada “formação” para o aluno que tem acesso ao mesmo (MARCOS et. al., sd).

A partir das colocações feitas por Marcos (et. AL, sd), vê-se que os livros didáticos carregam funções que tem a necessidade de serem decifradas para que haja uma maior e melhor compreensão da estruturação da geografia como disciplina escolar. Nessa perspectiva acreditamos, que a análise do livro didático de Delgado de Carvalho permitirá o entendimento da função referencial, uma vez que os elementos cartográficos presentes nesse livro objetivavam passar uma determinada noção de espaço e de geografia do autor. Bem como um caráter instrumental, já que a forma como as representações são postas nos livros estão ligadas a um determinado método, uma abordagem que se evidencia a partir de tais representações.

Diversos autores (ROCHA, 1996; ROCHA, 2000; ZUSMAN e PEREIRA, 2000; VLACH, 2004) dedicam-se ao debate acerca da geografia desenvolvida por Delgado de Carvalho, analisando principalmente o seu percurso histórico e a sua influência no

desenvolvimento e estruturação da geografia escolar brasileira, afirmando o fato do mesmo ter sido o sistematizador da orientação moderna em geografia no Brasil. Neste trabalho relacionamos três elementos de extrema importância para a compreensão e discussão de alguns elementos relativos à geografia escolar no Brasil: primeiro, a orientação moderna em geografia, sistematizada por Delgado de Carvalho; segundo, o livro didático como um elemento de veiculação de um saber que se objetiva transmitir para a sociedade a partir da disciplina escolar geografia; terceiro a cartografia como elemento que contribui para a assimilação de uma determinada noção de espaço trazida pelo autor do livro didático em questão.

É relevante a decifração da concepção de espaço presente nos livros didáticos, uma vez que nos permite ter um conhecimento mais profundo da estruturação do ensino da geografia escolar. Em trabalho anterior, Albuquerque (2008), discutimos que a história dessa disciplina escolar é permeada por elementos de “permanências e mudanças”, assim, a compreensão desse recorte histórico pode contribuir para uma reflexão acerca da estruturação da mesma na atualidade, tanto no que se refere as mudanças que se efetivaram como os elementos que ainda permanecem no ensino.

### ***A geografia escolar no Brasil: da geografia clássica a orientação moderna***

Buscando entender como ocorre a introdução da orientação moderna na geografia a partir dos trabalhos de Delgado de Carvalho, faz-se necessário um percurso histórico da geografia escolar no Brasil, estabelecendo sempre que necessário uma relação com a própria evolução do processo educacional no Brasil, uma vez que é preciso enxergar essa disciplina escolar em sua relação com a estruturação de determinadas concepções pedagógicas que se estabelecem ao longo da história do Brasil.

No início da colonização, a partir de 1549, os jesuítas visando subsidiar esse processo a partir da catequização empreenderam elementos pedagógicos voltados ao estabelecimento de uma cultura européia (SAVIANI, 2008). Entre os ensinamentos desenvolvidos pelos mesmos na colônia portuguesa, colocavam-se os conhecimentos geográficos, essa geografia estava ligada à orientação clássica, não trazendo elementos da geografia do Brasil, estando pautada, portanto, nos conhecimentos desenvolvidos pelos gregos. Como confirma Rocha:

[...] os jesuítas transplantaram para o Brasil um modelo tipicamente europeu. Os ensinamentos ministrados, a exemplo dos conhecimentos geográficos, estavam destinados a dar apenas uma cultura geral para os estudantes. Ensinou-se aqui a concepção de geografia existente na época: a geografia clássica, seja na tradição descritiva (a geografia histórica ou política de Estrabão) ou na tradição matemática (de Cláudio Ptolomeu)” (1996, p.126).

Defendemos a idéia de que esse ensino de geografia ligado aos elementos matemáticos de Cláudio Ptolomeu iria repercutir mais tarde no que se refere ao desenvolvimento da cartografia como um elemento de representação do espaço, dado ao fato da sua grande contribuição em relação ao mapeamento e medições das dimensões da Terra. Indicamos a idéia de que esse possa ser um ponto de ligação entre a geografia clássica e a geografia moderna que iria surgir, nas escolas brasileiras, com Delgado de Carvalho e que seria exposto em sua produção para o ensino de geografia.

Como podemos verificar historicamente, a cartografia resiste a essa mudança paradigmática, dada ao fato de ser a cartografia uma técnica de representação do espaço, ela pode ser utilizada segundo os princípios de qualquer corrente teórica geografia, tendo em mente, que as representações espaciais de cada época explicam-se pela sua vinculação a uma concepção de espaço e de geografia específica (OLIVEIRA, 2007).

Antes mesmo da antiguidade clássica, já havia uma preocupação com a representação do espaço frente aos objetivos colocados para os conhecimentos ‘geográficos’ desenvolvidos em diferentes épocas. Desde os gregos, a partir das medições da Terra realizadas por Ptolomeu, até o início do desenvolvimento do capitalismo, com as grandes navegações, existiu uma busca por representar o espaço a partir de “mapas”. É nesse sentido que afirmamos a importância de compreender que pressupostos carregam os diferentes mapas nos diferentes períodos da geografia escolar brasileira, para decifrar o que está por trás da representação de espaço evidenciada nos livros escolares.

Nesse sentido compreendemos que com a intervenção do Marquês de Pombal na educação brasileira ocorre um processo de desorganização no que se refere à estruturação do ensino no Brasil, visto que o mesmo expulsou os jesuítas e estabeleceu o sistema de

Aulas Régias. Ocorreu, nesse sentido, uma ruptura no ensino, sendo essa mudança mais estrutural do que propriamente ideológica, uma vez que, foram os padres, formados pelos jesuítas que continuaram a ensinar no sistema de Aulas Régias.

A chegada da Família Real ao Brasil faz com que ocorresse uma reestruturação do que naquele momento podíamos pensar como sistema de ensino no Brasil. No que se refere a geografia, um fato notável foi a publicação do livro *Chorographia Brasílica* de Padre Manuel Aires de Casal, compêndio de geografia baseado fortemente nos pressupostos clássicos da geografia (ROCHA, 1996).

O ensino de geografia é formalmente legitimado a partir do decreto de 2 de dezembro de 1937, no seu artigo 3º inserindo ensino dessa disciplina no currículo do Imperial Colégio Pedro II, currículo esse que serviria de base para estruturação do ensino de geografia no Brasil (VLACH, 2004, p.189). Porém, diante do que temos encontrado em pesquisas mais recentes, podemos mesmo suspeitar, da existência da disciplina escolar, mesmo antes da fundação desse referido colégio.

Segundo alguns autores (VLACH, 2004) os livros adotados para o ensino de geografia no Colégio Pedro II eram baseados, principalmente, no livro de Aires de Casal. Entretanto, em pesquisa recente temos verificado que esse não era a única fonte a que os autores de livros didáticos adotados naquela escola e em outras, recorriam (ALBUQUERQUE, 2007). Muitos autores que desenvolveram trabalhos didáticos voltados ao ensino de geografia conservaram os elementos relacionados com essa geografia mnemônica de caráter nomenclatural como o era a de Aires de Casal. É o caso de Basílio Quaresma Torreão, Joaquim Manuel de Macedo e Joaquim Maria de Lacerda (ROCHA, 1996).

Vlach (2004, p.190) assinala que: “É no âmbito da escola que surgem propostas de mudança na abordagem da ciência geográfica. Nesse sentido destaca-se o livro didático *Compêndio de geografia elementar*, de autoria de Manuel Said Ali Ida (1861-1953)”. É importante notar que essa obra didática é a primeira que rompe com as idéias da geografia clássica, buscando uma abordagem centrada a partir dos referências modernos da ciência geográfica.

Sob esse aspecto Vlach afirma que:

Cumprer destacar que a tentativa do professor M. Said Ali Ida assinalou, em um livro didático para o ensino secundário, não apenas sua preocupação de acompanhar os “progressos geográficos” que ocorriam no exterior, mas, fundamentalmente, representou o marco inicial de discussões de ordem teórico-metodológica, buscando inaugurar a geografia científica no Brasil (VLACH, 2004, p. 192).

Ele vem inaugurar o que Delgado de Carvalho iria aprofundar e aprimorar, que seria o desenvolvimento de uma geografia escolar que buscava romper com o uso excessivo da nomenclatura e com a memorização. Esse cenário de mudanças no livro didático é fruto de um conjunto de modificações de diversas ordens, que vão desde a ciência de “referência”(CHERVEL, 1990) com a propagação da orientação moderna da geografia, até a mudança na conjuntura social, com a proclamação da república e as diversas reformas pelas quais o sistema educacional no Brasil vinha passando. Reformas essas que foram pressionadas pelas demandas de desenvolvimento econômico e modificação da estrutura social do Brasil (ROCHA, 2000).

### ***Delgado de Carvalho e a sua geografia escolar***

O principal sistematizador dessa nova base sobre a qual se colocava a geografia escolar no Brasil viria a ser Carlos Miguel Delgado de Carvalho. Para compreender a abrangência e significação da produção desse intelectual para o desenvolvimento da geografia escolar no Brasil, faz-se necessário, inicialmente discorrer sobre a sua formação intelectual.

Nascido na França em 1884, filho de brasileiros a serviço do império, teve sua formação predominantemente Francesa, tendo concluído o curso de Direito de Lausane, e tornando-se doutor em Ciência Política pela Escola de Ciências Políticas de Paris. Veio ao Brasil com o propósito de desenvolver sua tese de doutoramento; a partir disso, atua em diversas instituições de ensino e planejamento no Brasil. Posteriormente complementou sua

formação realizando cursos no exterior com geógrafos ingleses e americanos (ROCHA 1996; ZUSMAN e PEREIRA, 2000; ROCHA, 2000; GUERRA, 2008; BARROS, 2008).

Esse autor foi responsável por uma produção sistemática de livros didáticos, especialmente voltados para o ensino secundário no Brasil. Conseguiu fazer uma leitura do espaço ligando a duas perspectivas metodológicas. Segundo Barros:

[...] o papel difusor de Carvalho é parte do evento mais amplo do estímulo da educação média no país – com paralelos nas décadas anteriores nas experiências nacionais da França e da Alemanha –, no qual a vinda dos assessores será episódio da mesma cadeia seqüencial de espalhamento cultural educacional no contexto da construção nacional (BARROS, 2008, p.320).

Verifica-se que Delgado de Carvalho teve uma formação ampla no sentido de atuar em diversas áreas do conhecimento, sendo a geografia uma área de grande preocupação por parte dele. Sua formação geográfica consegue condensar elementos relativos à Escola Francesa e a Escola Alemã de geografia. Sob esse aspecto, Guerra (2008) coloca que:

Delgado aborda o espaço brasileiro empregando o instrumental desta nova geografia: uma perspectiva regional que dimensiona a relação natureza/homem a partir deste último, discordando do determinismo proposto pela escola alemã que consignava de forma absoluta o homem ao meio. O mesmo rio que delimita os limites entre dois povos distintos, também viabiliza o comércio, no exemplo clássico (GUERRA, 2008, p. 1).

Essa característica estará presente na obra *Geographia do Brasil*, de 1913, de forma marcante, em que ele busca romper com a visão de uma geografia clássica, fornecendo a partir desse livro didático o que seria a orientação moderna em geografia, é importante ressaltar que a preocupação de Delgado de Carvalho não era somente geográfica, mas também educacional, no que se refere à metodologia de ensino, isso pode ser evidenciado a partir da sua publicação *Methodologia do Ensino Geographico*(1925). Sobre a obra *Geographia do Brasil*, Guerra, (2008, p. 3) aponta que: “Este é o primeiro manual de



geografia brasileiro com base numa visão científica da mesma, no qual são descartados a descrição física, a sucessão de nomes e os exercícios mnemônicos.” Assim Delgado de Carvalho promoveu então uma proposta de abolição da nomenclatura, visando analisar o espaço a partir da relação do homem com o meio com um processo de valorização do homem nessa relação.

Segundo Rocha:

[...] Delgado e Carvalho propôs um conhecimento mais científico da geografia. Execrou a mera nomenclatura, defendendo um estudo que partisse da geografia física elementar. No seu ponto de vista, ninguém poderia de fato desenvolver um estudo sério de geografia se não tivesse como ponto de partida a fisiografia. Afirmou também que nas aulas referentes à geografia humana deveria se dar maior destaque a antropogeografia, fato que já começava a verificar em países europeus. Chamou a atenção também o fato de uma das características da geografia moderna o uso do método comparativo (ROCHA, 2006. p.91).

A obra que buscamos analisar, *Geographia do Brasil, Tomo I* (1913), possui ao todo 20 mapas, além de gráficos e tabelas. Podemos verificar uma clara divisão dos capítulos no que se refere à estruturação das temáticas propostas. O autor divide o livro em três seções temáticas. A parte A é denominada *Geographia Physica*; a parte B, *Geographia Economica* e a parte C, *Geographia Social*. Já nessa estruturação podemos notar um elemento que reflete sua formação, a geografia física seria a base sobre a qual os estudos geográficos devem se desenvolver. a partir dela seriam inseridos os elementos econômicos e sociais, que estariam ligados a geografia regional, de característica francesa.

Zusman e Pereira (2000, p. 57), comentando o projeto científico de Delgado de Carvalho para a geografia, afirmam que ele a partir da sua formação e da concepção que tinha acerca da geografia a partir da orientação moderna concebia a geografia como: “[...] uma disciplina referenciada nas ciências naturais, mas que, de forma *sui generis*, incorpora o homem como um dos elementos essenciais em suas considerações”.(P. 57). Isso pode ser percebido quando analisamos a cartografia presente na obra que ora analisamos, como se pode verificar no mapa seguinte (Foto 1).

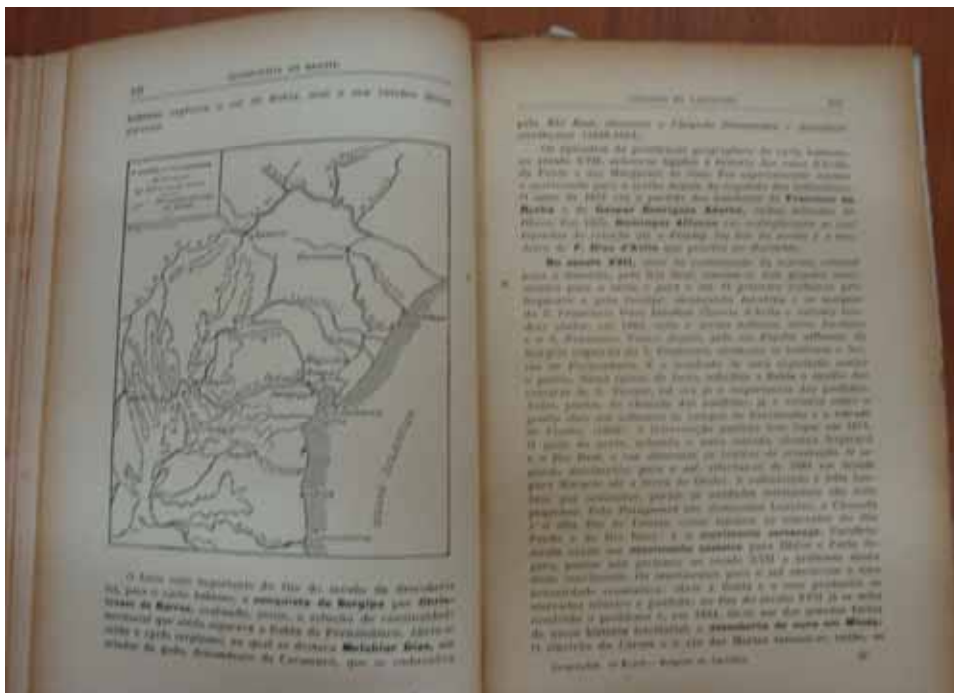


Foto 1 – Foto do mapa intitulado: O centro do povoamento baiano no século XVII do livro *Geographia do Brasil*, Delgado de Carvalho, 1913. P. 183

Fonte: Registrada por Aldo Gonçalves de Oliveira.

Quando o autor se propõe a trabalhar com o processo de povoamento do território baiano coloca um mapa com a formação dos principais centros de povoamento do território baiano no século XVII. É notável, se olharmos para o mapa a presença de uma grande quantidade de rios e um privilégio dos elementos naturais no processo de produção do recorte espacial feito por ele para desenvolver a sua exploração geográfica.

É como se o elemento humano fosse um agente no espaço, um fator importante, mas, subordinado as forças naturais. Além disso, o recorte que ele dá, caracterizando uma região também é um procedimento advindo da sua formação que se explicita a partir do elemento cartográfico seguinte.

Esse privilégio dos elementos relativos à natureza, como importantes na concepção de geografia de Geografia de Delgado de Carvalho está baseado nos princípios do conceito de região natural formulados por Ratzel. Esse elemento também irá constituir a fundamentação nacionalista presente na sua obra e nos ideais que ele coloca para a geografia enquanto disciplina escolar. Sob esse aspecto Zusman e Pereira afirmam que:

[...] o político aparece muito mais como um objetivo final do ensino de geografia, atribuindo-lhe um caráter funcional (representação patriótica, afirmação da unidade nacional, legitimação de um discurso sobre o território etc) do que como um tema de estudo propriamente dito (2000, p. 60)

Rocha (1996) evidencia esse ponto afirmando que Delgado de Carvalho defendeu que a geografia pátria deveria ser a base e o ponto de partida dos estudos referentes à fisiografia e da geologia do globo terrestre. Propôs que sobre os assuntos que não tivessem aplicações ao Brasil, os professores não se alongassem nas explicações (ROCHA, p. 227).

Destaca-se a seguir outro mapa (Foto 2) presente na obra em questão, relacionado ao consumo de Café na Europa.

Foto 2 – Foto do mapa intitulado: Consumo de café na Europa, do livro *Geographia do Brasil*, Delgado de Carvalho, 1913.

Fonte: Registrada por Aldo Gonçalves de Oliveira.

Aqui o autor expõe claramente seus métodos baseados na comparação entre regiões. Com esse mapa verifica-se que a noção de região apresentada por ele não é somente natural, uma vez que ela é estabelecida a partir de elementos econômicos que se referem a sua dinâmica mundial. Isso demonstra a vinculação de Delgado de Carvalho à Geografia regional francesa, que tem por base o método comparativo de elementos espaciais para empreender um processo de regionalização.

A partir das duas imagens apresentadas anteriormente, notamos a vinculação desse autor com a geografia francesa, especialmente quando ele incorpora a análise regional, para estabelecer o processo de regionalização baseado em elementos de produção do espaço (foto 2). Bem como, evidencia sua vinculação à geografia alemã quando utiliza os elementos relativos ao conceito de região natural (foto 1), para evidenciar o povoamento do espaço baiano no século XVII, quando ele enfatiza a representação dos rios dando margem para colocarmos a proposta dele de dar ênfase aos elementos naturais como influenciadores do processo de povoamento.

Compreendemos, dessa forma, que a partir das representações cartográficas, é possível ler parte dos elementos que se colocam na base da construção da geografia escolar proposta por Delgado de Carvalho em seu livro didático *Geographia do Brasil (1913)*. Vemos, após a análise feita das figuras que o mesmo ora traz a região natural como ponto de análise das relações espaciais, ora traz o princípio da divisão regional a partir do método regional francês.

Foto 3 – Foto do mapa intitulado: O Brasil Holandez, do livro *Geographia do Brasil I*, Delgado de Carvalho, 1913. P. 167.

Fonte: Registrada por Aldo Gonçalves de Oliveira.

Nessa figura configuram-se os elementos relativos à representação dos fatores naturais, caracterizando as concepções teóricas de Delgado de Carvalho que se expressam a partir da representação de rios e relevos, como elementos subsidiários dos elementos de povoamento que seria o objetivo principal da análise segundo a temática a qual o mapa se insere. Esse ponto é exposto pelo próprio Delgado de Carvalho quando coloca que:

Uma das novas tendências da geografia é a de se tornar cada vez mais humana nas suas investigações. O humanismo, no sentido de estudos clássicos e modernos de tudo quanto pode interessar o homem como intelectual e pensador, não deve excluir o conhecimento científico de seu habitat, das ações e reações desse habitat sobre as condições de vida (CARVALHO, 1925, p.4).

A partir do mapa supracitado (Foto 3) nota-se que na representação da ocupação holandesa no Nordeste, ele utiliza o princípio de divisão regional da escola francesa. Porém, não abre mão de trazer os elementos naturais presentes no mapa. É claro que não queremos aqui afirmar que com isso Delgado pretendia que a geografia escolar assimilasse esses conceitos científicos, mas sim, evidenciar que esses elementos, importantes na sua formação são evidenciados a partir nas representações que o mesmo coloca em seu livro

didático. É a necessidade de mostrar essa interseção entre os elementos naturais do espaço e a ocupação humana que marcam as representações cartográficas da obra em análise.

A Região Natural se constituiria na divisão regional considerando a interação dos elementos naturais com o fator humano singular que se coloca naquele quadro natural (ZUSMAN e PEREIRA, 2000, p. 58-60). O que ele busca é sempre fazer a interseção entre o natural e o social, apesar de incorporar conceitos de correntes diferentes da geografia. É sob esse aspecto que as representações cartográficas nos seus livros didáticos vão se estabelecendo, tendo como base o seu conceito de região natural para empreender as leituras do processo de produção do espaço. Integrando assim pressupostos da escola francesa e da escola alemã de geografia, conjugadas na geografia escolar desenvolvida por Delgado de Carvalho.

### ***Considerações Finais***

Podemos verificar com a partir dessa análise que a geografia desenvolvida por Delgado de Carvalho condensou elementos de escolas diferentes da geografia acadêmica, tendo como objetivo a sistematização da geografia escolar no Brasil. Buscando abolir a nomenclatura até então vigente no ensino de geografia, ele condensa elementos potencialmente dispares com o objetivo de dar uma função ao conhecimento geográfico desenvolvidos no Brasil no início do século XX. A idéia de trabalhar com a realidade do aluno, visando o entendimento e atuação no espaço do mesmo, é uma herança da vinculação desse intelectual aos ideais da Escola Nova.

Esses elementos estão expressos nos seus livros não apenas no discurso, mas também nas representações cartográficas, o que não seria tão obvio, dado o fato de não haver no período, segundo os nossos registros, qualquer obra que apontasse um tratamento de reflexão acerca do mapa para o aprendizado geográfico na escola. Os mapas que compõem o livro *Geographia do Brasil*, Tomo I (1913), expressam o pensamento e os objetivos do autor para a disciplina escolar geografia no período.

Compreendemos que ele objetivava para a geografia a abolição das técnicas mnemônicas, tendo em vista a substituição da orientação clássica pela orientação moderna, e do ponto de vista pedagógico propunha mudanças de uma perspectiva de orientação

tradicional para uma orientação escolanovista, tendo por base o desenvolvimento do nacionalismo patriótico e a idéia de construção do Estado Nação que deveria ser promovida a partir da disciplina escola geografia. Mesmo não tendo expressado um fim de reflexão para os mapas que colocou no livro didático em questão, as representações carregavam os seus pressupostos.

### ***Referências Bibliográficas***

ALBUQUERQUE, Maria Adailza M. de. O livro didático local de Geografia em Pernambuco. In. Simpósio Internacional Livro Didático – Educação e História. São Paulo: USP, 2007. p. 1092 – 1105.

ALMEIDA, R. D. de, PASSINI, Y. E. **O espaço geográfico**: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989. (Repensando o ensino).

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa**: iniciação cartográfica na escola. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Geografia).

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. Delgado de Carvalho e a geografia no Brasil como arte da educação liberal. Estudos Avançados, jan./abr. 2008, vol.22, no.62, p.317-333. ISSN 0103-4014.

CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico** - introdução aos estudos de Geographia Moderna. Tomo I. Petrópolis, RJ: Typographia das Vozes, 1925.

GUERRA, Márcia. Pardal de Clio. **Delgado de Carvalho e a proposta de Estudos Sociais**. Disponível em:

[http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=69](http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=69). Acesso em 12 de Agosto de 2008.

LACOSTE, Yves. Geografia Escolar que ignora toda prática teve, a tarefa de mostrar a Pátria. In. **A Geografia isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. 4<sup>a</sup> ed. Campinas: Papirus, 1997. p. 53 – 58.

MATTOS, Cristiano Et. al. **Livros Didáticos**: Aspectos Históricos, Iconográficos e Políticos. Mimeo. sc. se. sd.

OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. **A geocartografia no ensino fundamental (1º e 2º ciclos)**: uma abordagem a partir dos professores. Trabalho de Conclusão de Curso

{Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande - PB: Centro de Educação - Universidade Estadual da Paraíba, 2007.

ROCHA, Genilton Odilon R. da. Onde se fala de um modelo de Geografia Escolar que primeiramente foi institucionalizado no currículo escolar brasileiro. In. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1937 – 1942)**. São Paulo: Dissertação (mestrado em Educação), Departamento de Supervisão e Currículo, PUC – SP, 199. p. 85 – 127.

\_\_\_\_\_. Delgado de Carvalho e a orientação Moderna no Ensino de Geografia Escolar Brasileira. Revista Terra Brasilis – Geografia Disciplina Escolar. Rio de Janeiro, nº 1, Jan./jun, p. 83 – 109, 2000.

SAVIANI, Demerval. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

VALCH, Vânia. O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva historiográfica. In. VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004. p. 187 – 218.

ZUSMAN, Perla Brígida e PEREIRA, Sergio Nunes. Entre a ciência e a política: um olhar sobre a Geografia de Delgado de Carvalho. Revista Terra Brasilis – Geografia Disciplina Escolar. Rio de Janeiro: nº 1, Jan./jun, P. 52 – 82, 2000.